

Especial

Maternidade compartilhada

Os bancários Nayara Jarvis Tome, 35, e Paulo Henrique Alves de Siqueira, 48, são pais de Henrique Siqueira Jarvis, 8, e, embora já seja mãe, Nayara sempre sentiu que sua família ainda não estava completa. A sua maternidade plena e dos sonhos não era apenas de uma criança. A primeira gestação foi tranquila e seguiu o curso natural das coisas. Alguns anos depois, sem pensar que teria dificuldades, começou a tentar o segundo bebê.

Depois de uma longa demora, engravidou, mas passou por uma perda gestacional sofrida. Logo em seguida, por questões de saúde, descobriu que não poderia mais gestar sem colocar a própria vida em risco. "Foi um baque enorme, passei um bom tempo processando essa informação, depois de quase dois anos esperando e tentando", lembra.

Nesse momento, Nayara começou a considerar todas as maneiras pelas quais poderia completar sua família. Enquanto ouvia de muitos que ela já era mãe e deveria aceitar a situação, ela sentia que não se tratava da quantidade de crianças, mas, sim, de se sentir completa, plena.

Em uma viagem aos Estados Unidos, ouviu falar em gestação de substituição. "Para mim, era algo distante, coisa de novela. E, como chamam de barriga de aluguel, achava que nem era permitido no Brasil", conta. De fato, o termo barriga de aluguel implica um tipo de compensação pela gestação, o que é proibido no Brasil.

No entanto, a chamada barriga solidária ou gestação por substituição consiste em um ato voluntário no qual uma mulher pode gestar um embrião para outras pessoas, o que inclui tanto casais que não podem engravidar por questões de saúde quanto os compostos por dois homens, por exemplo. Existe, claro, uma extensa legislação e muitos passos que precisam ser dados com cautela antes de uma pessoa se tornar uma cedente de útero. Mas descobrir que isso era uma possibilidade, acendeu uma luz na cabeça de Nayara.

"Sozinha, comecei a pensar em todos que eu conhecia e quem poderia ser essa pessoa para mim. Considerava tudo, a idade, o momento de vida em que a pessoa estava, o emprego, se isso poderia atrapalhar a vida dela, tudo mesmo. Afinal, é uma doação de vida", lembra.

Fotos: Arquivo pessoal



Nayara, Suzane, Paulo e Henrique no chá revelação



Nayara e Suzane, que gera o filho da prima

Uma escolha de paz

Depois de alguns meses refletindo, Nayara conversou com um amigo, que questionou se ela tinha um nome. Ela não tinha, mas ao ouvir a pergunta, a sobrinha de seu marido, a psicóloga Suzane Siqueira veio automaticamente em sua mente e trouxe uma sensação de paz. "Nesse dia, cheguei em casa e contei tudo ao Paulo, já falando da Suzane. Ele se assustou e perguntou como isso tinha surgido do nada, eu contei que era algo que eu já considerava há meses. Ali, tudo começou de verdade."

Desde a primeira conversa com Suzane, que já tem filhos, um dos requisitos da resolução para que uma pessoa se torne cedente de útero, o sentimento de Suzane foi positivo. Ela afirmou se sentir honrada e com o coração aberto para viver esse processo com Nayara e Paulo. A psicóloga conversou com o marido, que também topou, outro pré-requisito da lei,

e ali os quatro começaram a percorrer toda a jornada legal que resultaria na gestação de Leonardo, que está hoje está com cerca de 28 semanas.

Primeiro, ocorreu a captação de óvulos de Nayara, que foram fecundados com o material genético de Paulo. Em novembro de 2024, eles foram implantados em Suzane e, na primeira tentativa, obtiveram sucesso. "Dez dias depois fizemos os exames e ele estava lá, evoluindo como o esperado", conta Nayara.

Para se conectar com o filho que cresce e se desenvolve não somente em outro útero, mas também em outra cidade — Suzane mora em Goiânia —, Nayara tem uma série de estratégias. Elas se falam ao telefone todos os dias e a futura mãe criou diversas playlists musicais que Suzane coloca para o bebê ouvir.

Eles também compraram um aparelho para ouvir os batimentos cardíacos de Leonardo, e Suzane os grava e envia ao casal. "Já que não consigo senti-lo mexer e fazer aquele carinho na barriga, busco outras formas de ir me conectando. Fico com as roupinhas e no quarto dele, que montei logo no início, imaginando nossos momentos juntos, assim vou materializando a chegada dele", conta.

Os quatro, Suzane e o marido, Nayara e Paulo, iniciaram terapia para lidar com as particularidades do processo e tentam viver os marcos da gestação juntos. Nayara acrescenta que a própria disponibilidade de Suzane de fazer parte desses momentos já é emocionante e faz com que ela se sinta mais próxima do filho. Para fortalecer ainda mais o vínculo, ela considera a indução da produção de leite materno, para que possa amamentar o bebê.

E assim, de uma maneira que parece saída de um filme, Nayara está realizando o sonho que sempre teve: ser mãe de dois.